



UEPB – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO E HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA

VANESSA MARIA SANTIAGO

**UM BREVE ESTUDO SOBRE ARQUEOLOGIA:
ENFATIZANDO O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA –
SÃO JOSÉ DO CAMPESTRE/RN**

Guarabira - PB

Junho de 2015

VANESSA MARIA SANTIAGO

**UM BREVE ESTUDO SOBRE ARQUEOLOGIA:
ENFATIZANDO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA – SÃO
JOSÉ DO CAMPESTRE/RN**

Relatório final, apresentado ao curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção
do título de licenciatura plena em História.

Guarabira, 08 de Junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Prof.^a Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Afiliações

João Batista Gonçalves Bueno
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Afiliações

Naiara Ferraz B. Alves
Prof.^a Naiara Ferraz Bandeira Alves
Afiliações

VANESSA MARIA SANTIAGO

**UM BREVE ESTUDO SOBRE ARQUEOLOGIA:
ENFATIZANDO O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA – SÃO
JOSÉ DO CAMPESTRE/RN**

Artigo, apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientadora: Prof. Naiara Ferraz B. Alves

Guarabira - PB
2015

S235b Santiago, Vanessa Maria

Um breve estudo sobre a arqueologia: [manuscrito] :
ênfatisando o Sítio Arqueológico Casa de Pedra - São José do
Campestre/RN. / Vanessa Maria Santiago. - 2015.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Profa. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves,
Departamento de História".

1. Arqueologia. 2. Pinturas. 3. Rupestres. 4. Sítio
Arqueológico. I. Título.

21. ed. CDD 930.1

RESUMO

O referido artigo tem como principal objetivo tratar do tema Sítio Arqueológico Casa de pedra, situado no município de São José do Campestre, abordando a sua “descoberta”; os indícios de pinturas rupestres, nele existentes; sua divulgação e sua preservação. Para tanto, foi preciso fazer uma pequena análise sobre a arqueologia “priorizando” a arqueologia brasileira, desde seus primórdios até os dias atuais; pinturas rupestres, embasando suas diferentes formas e tradições. Depois dessa análise abordaremos as pinturas rupestres, para enfim tratar sobre o Sítio Arqueológico, seus primeiros indícios, sua ‘descoberta’, seu difícil acesso, sua catalogação, a falta de divulgação e preservação do mesmo.

Palavras – Chave: Arqueologia – Pinturas Rupestres - Sítio Arqueológico

ABSTRACT

The article aims address the issue Archaeological Site Casa stone, situated in the municipality of São José do Campestre, addressing his "discovery"; the evidence of cave paintings, existing in it; dissemination and preservation. To that end, we need to do a little analysis on archeology "prioritizing" the Brazilian archeology, from its beginnings to the present day; cave paintings, basing its different forms and traditions. After this analysis we will approach the cave paintings to finally handle on the archaeological site, its first signs, their "discovery", its difficult access, their cataloging, lack of dissemination and preservation of it.

1- INTRODUÇÃO

Neste artigo visamos dar ao leitor uma breve apresentação sobre assuntos primordiais, para o entendimento do tema principal do mesmo; que é Sítio Arqueológico Casa de Pedra, para tanto, vamos ao surgimento da Arqueologia, que no início era uma disciplina auxiliadora da História, e depois se torna uma disciplina independente, que é de extrema importância para os estudos das sociedades que não possuíam escrita. Dentro do tema de arqueologia vamos abordar os diversos tipos de sítios arqueológicos e as pinturas rupestres, pois, essas informações são de extrema importância para podermos caracterizar o Sítio Arqueológico Casa de Pedra. Depois de todos os embasamentos temos as informações do sítio que fica localizado na cidade de São José do Campestre-RN, que tem extrema beleza, porém não há uma divulgação, nem estudos específicos sobre ele, sendo que até mesmo uma parte da população desconhece sua existência, uma triste verdade, pois algo tão bonito e rico em histórias não deve ser deixado de lado, este é um dos intuitos principais do artigo, divulgar o Sítio Arqueológico Casa de Pedra, para que futuramente ele tem a atenção merecida.

2- BREVE ABORDAGEM SOBRE A ARQUEOLOGIA FRISANDO A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Diz um antigo provérbio: *'o passado é passado, e não mais voltará'*. Contudo, na qualidade de historiador e de afeiçoado aos estudos que se prendem à Arqueologia, tenho que discordar desta infeliz frase apócrifa emergida da sabedoria popular. Pois sei que o passado, embora sepulto, sempre fará ressoante em seu jazigo à espera de ser trazido a luz pela investigação científica.

Digo pela investigação científica porque só essa é capaz de reconstituir tecnicamente com segurança as sequências arqueológicas dos acontecimentos passados.

Tudo que se refere ao passado seja próximo ou longínquo, se ainda não tiver perecido à voracidade da intempérie ou às irresponsabilidades antrópicas, está acomodando em seu leito, que ora chamamos de sítio arqueológico, salvaguardando informações valiosas há muito adormecidas. Tais informações, embora tênues e quiméricas, se bem desenterradas

podem revelar uma chave para um dos sombrios portais do passado.
(SANTOS, 2010, P. 09)

Se analisarmos bem, estamos habituados ao estudo das sociedades, serem baseados em textos escritos, como fazem os historiadores desde o século XIX, ou da observação direta e dos testemunhos orais, como fazem os sociólogos e antropólogos. (PROUS, 2006, p. 8).

Contudo, há sociedades, principalmente as mais antigas, como por exemplo: “as sociedades pré-históricas” que não utilizavam à escrita. Então, não há registros sobre elas? Sim, há registros sobre essas sociedades, porém, estes não são escritos.

Para se saber um pouco sobre estas sociedades é preciso estudar os vestígios materiais que estas deixaram, quase que involuntariamente, que podem ser: instrumentos, moradias, restos de corpos e os deixados conscientes e voluntariamente: as pinturas rupestres que serão abordadas, no desenrolar desse trabalho. Existem pessoas especializadas em analisar esses tipos de vestígios, são os arqueólogos que “têm os mesmos objetivos dos outros pesquisadores das ciências humanas, mas apenas utilizam métodos e técnicas diferentes (relacionados às ciências da vida e da terra) e dependem do estudo de vestígios materiais” (PROUS, 2006, p. 8-9). Prous indica que a arqueologia nasce na Europa, apenas com a descoberta de Pompeia.

Os primeiros estudos da arqueologia remontam ao período do Renascimento, movimento intelectual, artístico e literário ocorrido na Europa no século XVI que marcou a transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Esse movimento inicia na Itália, a partir dos primeiros humanistas, conceitos básicos e descrições arqueológicas que culminaram nas discussões e polêmicas atuais da arqueologia, gerando, com o advento destas pesquisas, hipóteses, julgamentos, análises e uma metodologia de trabalho e raciocínio que busca entender os diversos estágios das atividades humanas em épocas remotas.

(...)

Descobertas arqueológicas significativas, como as antigas cidades italianas de Pompeia e Herculano (ambas sepultadas em espessas camadas de cinzas e lavas decorrentes da erupção do Vesúvio no ano 79 d.C.) e, também, a decifração de hieróglifos (escrita incompreensível, ilegível; caracteres das escrituras dos antigos egípcios) pelo pesquisador francês João Francisco Champollion, abriram novas perspectivas para a arqueologia. (CANTO, Antonio)

Porém, Funari e Noelli (2002), alegam que a Arqueologia surge como uma mera disciplina auxiliadora da História, fornecendo dados e fatos para os historiadores reconstruírem a história de um determinado grupo humano, isso aconteceria porque a História necessitava dessas disciplinas para validar seus estudos, pois esta lhe traria as provas, os vestígios materiais.

Falar do surgimento da arqueologia é falar do surgimento da antropologia, da geologia, da zoologia, mas, mais do que isso, é falar da história natural, aquela que como única referência é quem vai fornecer até mesmo às ciências sociais os pressupostos metodológicos para se atingir o status de conhecimento científico.” (BUENO e MACHADO, 2003)

Hoje a Arqueologia é vista como uma “disciplina independente, intimamente relacionada com a História e com outras ciências sociais” (FUNARI E NOELLI, 2002, p. 8). A Arqueologia é tão complexa que pode ser comparada longinquamente, a uma investigação de um “crime” onde o arqueólogo seria o detetive, isso tanto é verdade que André Prous, no livro **Pré-história da terra brasilis** (1999) utiliza a metáfora da “investigação detetivesca”, pra falar do trabalho do arqueólogo. Ou seja, o fazer do arqueólogo é então,

Homem na percepção de si mesmo, do outro, da natureza, de sua história, do passado de seu passado, do imaginário de tudo isso, de sua vida na Terra, dos fragmentos de outras vidas estratificadas em pistas materiais e culturais de suas origens, das formas de organização social que se desenharam no processo de mudanças e transformação que pelas suas errâncias no planeta nos trouxe ao destino em que nos encontramos hoje, no presente, indicadores de rota, sinalização de caminhos, sentidos futuros: arqueologias. (VOGT, 2003)

No Brasil os primeiros estudos sobre os vestígios arqueológicos se deram no século XIX, mas, foi D. Pedro II, que por causa do seu interesse por paleontologia contribuiu para a implantação das primeiras entidades oficiais relevantes para a arqueologia brasileira. (PROUS, 1992, p. 7).

A arqueologia feita no Brasil é essencialmente uma arqueologia de sociedades indígenas extintas que viveram em um passado distante, deixando como testemunho de sua existência somente restos materiais. (...)

Rever a história da arqueologia no Brasil é acompanhar o confronto do brasileiro ao longo destes anos com um passado pouco conhecido, que traduz as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade nacional, e que nem sempre corresponde a ideais de uma (pré)história nacional.

(...)

Ao contrário, o crescimento científico da arqueologia foi promovido inicialmente por naturalistas europeus trazidos pela Corte portuguesa, mais tarde pelo próprio imperador Pedro II, e finalmente pelos professores estrangeiros trazidos ao Brasil para a construção de centros de pesquisas e universidades. Nesse sentido, a arqueologia brasileira, ao longo de sua história, tem sido muito pouco brasileira. (BARRETO, 1999-2000, p. 44)

A questão da arqueologia brasileira, ser “pouco brasileira” se dá porque a arqueologia vem para analisar os vestígios arqueológicos, em busca de uma identidade cultural, buscando nossas origens, só que no Brasil a principal fonte de estudos: os índios foram praticamente dizimados, para a “construção” de uma sociedade branca.

Além dessa “falta de identificação étnica e cultural com o passado indígena”, existe também outro fator que dificulta os estudos arqueológicos no Brasil, “caráter pouco monumental e modesto do patrimônio material, em grande parte perecível e de difícil conservação, dificultando ainda mais a valorização e identificação com este patrimônio por parte da sociedade em geral.” (BARRETO, 1999-2000, p. 34) Pois, diferente de outros países, a legislação para a proteção desse patrimônio, se dá a partir de uma “pequena elite intelectual, sendo propagada pelo Estado”.

Sendo também que os primeiros a “praticar” a Arqueologia no Brasil, foram os estrangeiros, como por exemplo, os jesuítas. Depois com a mudança da corte portuguesa pra ao Brasil, esses trabalhos se intensificaram, porém com um viés utilitarista, pois as intenções de Portugal eram analisar o que o Brasil tinha a oferecer, no ponto de vista geológico e mineralógico. (BUENO e MACHADO, 2003)

Hoje a arqueologia brasileira, tem um longo trabalho pela frente, que é o de juntar uma “documentação representativa”, em todas as partes do território nacional, que tem dimensão continental e em sua maior parte é desconhecido do ponto de vista arqueológico. Sendo que a maioria dos arqueólogos são recém-formados; não existia uma graduação de arqueologia no Brasil; e o mestrado de dois anos além de ser curto, não é dedicado, exclusivamente a arqueologia, sendo de História ou Antropologia, com uma “concentração”, na disciplina de arqueologia. (PROUS, 2006, p. 129). Além de curto é pouco “qualificativo” para profissionais que lidarão com recursos patrimoniais não-renováveis. Hoje, apesar, de não serem muitas faculdades que oferecem esse curso, a oferta aumentou consideravelmente, sendo que já tem cursos de graduação, pós e até mesmo extensão.

A partir disso, é possível perceber, a dificuldade da arqueologia brasileira em desenvolver-se, com pouca estrutura e incentivo, mas apesar disso tudo, consegue ter um desenvolver árduo e lento, porém produtivo.

Segundo André Prous (1992), em seu livro **Arqueologia Brasileira**, o que ele denomina de “pré-historiador”, estuda as sociedades do passado, nos seus diversos aspectos: “físico, demográfico, patológico, tecnológico, dieta alimentar, padrões de ocupação do território e até rituais”.

Com toda a explanação feita sobre a Arqueologia é perceptível sua importância para a sociedade atual, pois esta busca “conhecer em profundidade a herança cultural dos povos”. Ela não é uma mera auxiliadora de outras disciplinas, nem serve para apenas reconstituir o passado, mas sim para conhecer a história do seu povo, se seus antepassados, quando esta analisa um objeto, ela não sabe só sobre o objeto, mas, sim sobre o homem que o criou.

Mas a Arqueologia para chegar a esse fim passou por algumas fases, Zamara (1990) sugere quatro períodos de transição da arqueologia, onde ela deixa de ser descritiva e passa a ser social. Esses períodos são:

- a.1850-1925 – Os pioneiros da Arqueologia têm-se o início de uma Arqueologia profissional, marcada pelas primeiras caracterizações descritivas das culturas antigas da região;
- b.1925-1960 – período do modelo descritivo sincrônico propõe-se a divisão do espaço de ocupação pelos povos antigos em zonas arqueológicas;
- c.1960-1975 – período dos modelos descritivos diacrônicos busca-se estabelecer as sequências arqueológicas para as diferentes regiões do continente, através de trabalhos científicos que privilegiam a dimensão vertical antes da horizontal, com trabalhos em sítios, em curto prazo;
- d. De 1975 aos nossos dias – em busca do modelo explicativo diacrônico caracterizado pela Arqueologia Explicativa. O trabalho em sítio continua sendo um forte; a Arqueologia de um só pesquisador; a Arqueologia Individualista sem que se busque a interdisciplinaridade; e a Arqueologia de Salvamento permanece com um esforço isolado para resgatar evidências; com o modelo explicativo diacrônico, busca a ‘capacidade de realizar sínteses de arqueologia de determinada região (com o objetivo de explicar a história antiga)’, e ser capaz de reconstituir e explicar a história social dos homens através de seus vestígios materiais. (ZAMARA, 1990, P. 45-46)

Sendo assim a Arqueologia, fica quase que, exclusivamente dependente dos vestígios materiais deixados pelas culturas pretéritas, para assim reconstituir a histórias desses povos.

Como já foi visto, estas sociedades não utilizavam a escrita, e sim, vestígios materiais, que foram deixados por eles, no decorrer do tempo, e só podem ser coletados por meio das técnicas arqueológicas. Prous considera “vestígios arqueológicos todos os indícios da presença ou atividade humana em um determinado local”. Segundo Prous (1992), existem dois tipos de vestígios: os vestígios diretos e os vestígios indiretos. Os vestígios diretos são os “testemunhos materiais” encontrados nos níveis arqueológicos, estes podem ser visíveis: os macrovestígios; ou os não-visíveis; os microvestígios. Os vestígios indiretos são os objetos ou estruturas que deveriam ser encontradas naquele lugar, ou esperava-se que existissem, são os vestígios negativos; ou são os objetos que sugerem outros objetos ou atividade, são os vestígios sugestivos.

Poderá ser observado, no decorrer deste trabalho, que os vestígios encontrados no Sítio Arqueológico Casa de Pedra, são dos dois tipos, vestígios diretos, os macrovestígios; e os vestígios indiretos, os vestígios sugestivos.

Depois dessa breve abordagem sobre a arqueologia brasileira, vamos explicar alguns temas que estão contidos dentro dela, pois, para nosso entender essa explanação é necessária para situar melhor o leitor sobre o tema abordado, então no decorrer deste trabalho vamos abordar de maneira breve, os sítios arqueológicos e as pinturas rupestres.

3- SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Todos os sítios arqueológicos são definidos e protegidos pela Lei nº 3.924/61, sendo considerados bens patrimoniais da União. O tombamento de bens arqueológicos é feito, excepcionalmente, por interesse científico ou ambiental. Atualmente, cerca de 19 mil sítios arqueológicos estão identificados pelo IPHAN e as informações podem ser obtidas no Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico.

São considerados sítios arqueológicos as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios; os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios; os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento "estações" e "cerâmicos"; e as inscrições rupestres ou locais e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. (IPHAN, 2014)

Prous (1992) afirma, que há uma classificação para os sítios arqueológicos, a partir da função de estratigrafia; da funcionalidade e da posição. Segundo a

classificação dos sítios pela posição o Sítio Arqueológico Casa de Pedra é considerado sob abrigo, pois, aproveita as proteções naturais contra o intemperismo.

Os sítios arqueológicos são onde os homens viveram antes da dita civilização, e lá deixaram vestígios de sua existência, como por exemplo: fogueiras, sepulturas, pinturas, ferramentas e etc... Existem vários tipos de sítios arqueológicos, para um melhor entendimento vamos explicar os principais tipos de sítios arqueológicos, baseados nos estudos de Castro (1970):

Sambaquis: também chamados de Sernambis, esteiros e Concheiros, seu nome deriva de duas expressões Tupi-Guarani *Tamba* (marisco) e *Ki* (amontoamento), tanto é que sua formação se dá a partir do amontoamento de conchas restos de alimentos, utensílios, habitações e até mesmo restos humanos, estes se formam ao longo dos séculos e na maioria das vezes são encontrados no litoral, mas podem ser encontrados à margem de rios. No litoral brasileiro, há sambaquis desde a costa do Pará até o Rio Grande do Sul;

Cavernas: seria caverna toda e qualquer cavidade natural encontrada, porém para Santos (2003) existem diferenças entre essas cavidades. Estas sempre guardam muitos vestígios sobre os povos que por lá passaram, por isso despertam bastante o interesse arqueológico;

Têsos: são montes artificiais de terra, onde se encontram restos de urnas, cerâmicas, “material lítico e material faunístico” que servem de alimentos para os povos que lá habitavam;

Hipogenes ou Poços Mortuários: estes são cemitérios construídos de uma forma especial, onde é perceptível a preocupação com o estado pós-morte do indivíduo, são raros no Brasil;

Esteários: “são monumentos neolíticos, compreendendo uma grande quantidade de esteios (estacas) que serviam para sustentar habitações lacustres (palafitas)”;

Estações Líticas: é onde são construídos os utensílios, como uma fábrica, este tipo de sítio é muito comum no Brasil;

Sítios Rupestres: um dos sítios mais comuns no Brasil, estes são onde são encontrados desenhos feitos nas rochas, cavernas pisos, entre outros. Podem ser figuras de animais, plantas, homens, etc, esses tipos de pinturas serão exploradas melhor no decorrer do trabalho.

Além dessa categorização dos sítios feita por Castro (1970), existe também a de Souza (1997), que vem para complementar a tese anterior. Sendo assim, Souza (1997) traz:

Sítio Acampamento: são onde há vestígios da presença de humanos, como por exemplo: cerâmicas;

Sítio Cemitério: são os sítios onde é encontrado apenas sinais de “enterramentos”, ou seja, a “deposição deliberada dos corpos na terra”, esses enterramentos podem ser primários e secundários. Para esclarecer melhor, vamos fazer uma tabela.

ENTERRAMENTOS			
PRIMÁRIOS		SECUNDÁRIOS	
DIRETOS	INDIRETOS	DIRETOS	INDIRETOS

Os primários correspondem ao primeiro ritual com o corpo, quando este é acondicionado ou depositado em covas. (...)

Os enterramentos secundários correspondem a um novo tratamento do corpo, desta vez constituído apenas pelos tecidos duros (ossos), quando o corpo é retirado do ambiente onde foi previamente acomodado e transportado para outro espaço. (CISNEIROS, 2006)

Como foi visto os enterramentos primários e secundários, podem ser diretos e indiretos. “A direta se dá quando é aberta uma cavidade na terra e nela o corpo é inserido sem nenhum enfiamento. Já no enterramento indireto o corpo é acondicionado em um invólucro antes de ir para a cova.” (CISNEIROS, 2006)

Sítio Cerâmico: terminação comum para designar os lugares onde os principais vestígios encontrados são os fragmentos de cerâmicas;

Sítio Cerimonial: onde se encontram sinais de ritos cerimoniais, práticas religiosas, entre outros;

Sítio Colonial: estes sítios são onde são encontrados vestígios do período colonial, como por exemplo, ruínas de engenhos, igrejas fortificações, que podem ou não estar associados aos materiais indígenas;

Sítio em Duna: são sítios arqueológicos, encontrados no litoral normalmente são pré-cerâmicos, no entanto alguns têm cerâmicas intrusivas na superfície, estão normalmente localizados nas dunas estáveis e na maioria das vezes apresentam artefatos líticos, como machados, projéteis, etc. Nesses sítios também são encontrados, matérias-primas para a fabricação de utensílios, material “faunístico” de peixes, aves, mamíferos, sepultamento de humanos, conchas, mariscos, estes se apresentam em pequena quantidade, é o que os diferem dos sambaquis. Estes sítios tem um agravante para serem estudados, pois sofrem uma grande erosão dos ventos marítimos;

Sítio Habitação: os lugares onde há evidências da existência prolongada de humanos, onde podem ser observadas atividades de subsistência;

Sítio Neobrasileiro: “Sítios arqueológicos que servem de testemunho do contato entre colonizador e colonizados (índios) e os seus respectivos processos de aculturação entre populações pré-cabralinas e europeias” (SANTOS, 2010, P. 70-71)

Sítio Oficina: onde os principais vestígios arqueológicos constituem da fabricação de artefatos;

Sítio Petroglifo: são os sítios onde se encontram pinturas rupestres feitas a partir do “polimento ou não, picoteamento, corte ou raspagem e gravações em alto, médio e baixo relevo sobre o suporte rochoso”;

Sítio pictóglifo: nesses sítios se localizam as pinturas rupestres sobre os suportes rochosos.

Dentre os diferentes tipos de sítios arqueológicos, vamos dar ênfase aos sítios rupestres, tanto é que vamos dedicar um capítulo só para este tema.

2.1- SÍTIOS RUPESTRES: “PINTURAS RUPESTRES”

O que é atualmente o território brasileiro está repleto de testemunhos arqueológicos que guardam importantes evidências da história da colonização humana em nosso continente. (...) Um tipo especial de manifestação, em decorrência de seu apelo estético, destaca-se entre as demais. São as pinturas e gravuras que foram feitas nas paredes de grutas, abrigos, blocos, lajes e costões por diferentes grupos sociais, em vários períodos. (...) São sinalizações que transmitem mensagens pertinentes ao grupo que as realizou e a, seus contemporâneos. Muitas vezes, esse grafismo fazem referência ao território, as práticas e as condutas de seus autores, bem como indicam locais importantes e de forte apelo emocional. O hábito de perpetuar mensagens em pedras e paredões tem longa duração e diferentes significados. (GASPAR, 2002, p. 7-8).

De acordo com a artista plástica e pesquisadora da (SPA) Sociedade Paraibana de Arqueologia, Sheila Dias Farias a “arte é a atividade humana onde se procura o belo”. No entanto, não haveria uma definição capaz de explicar toda essa amplitude da arte, pois belo está nos olhos de quem vê. Por isso muitos não usam a denominação “arte” rupestre, preferem “usar registros, inscrições ou gráficos rupestres”, pois consideram “arte” um termo “puramente estético”. Porém, para Sheila “arte é qualquer manifestação prática de uma ideia”. Em vista disso, dependendo do autor (a), o termo a ser utilizado pode variar de: arte rupestre, pintura rupestre, grafismo rupestre entre outros, com todavia, qualquer um desses termos pode referir-se “as inscrições (pintura ou gravuras) deixadas pelo homem em suportes fixos de pedra (paredes de abrigos, grutas, matações, etc.)”. (PROUS, 1992, p. 510). Porém o termo mais correto seria o de “grafismos”, mas a expressão “arte rupestre” já foi aplicada e ficou comumente a expressão mais conhecida, por isso foi mantida.

A arte rupestre está associada aos demais aspectos da vida cotidiana do grupo humano que a fez, em alguns casos poderiam ser um complemento da pintura corporal, que os mesmos realizavam. Retratavam cenas do cotidiano, mas podiam servir como um meio de comunicação entre os mesmos.

Um fator que dificulta os estudos a cerca da arte rupestre é que nem sempre, ou melhor dizendo na maioria das vezes, essas pinturas sofreram mudanças ao decorrer do tempo, então é quase impossível saber de modo definitivo o que os grupos humanos estavam tentando mostrar através das mesmas. Sem contar

também que as formas que hoje, para nós tem um determinado significado, talvez naquela época tivesse um sentido completamente diferente.

(...) grafismos tão comuns nos registros rupestres como espirais, círculos radiados e linhas paralelas onduladas podem significar, ao mesmo tempo, dependendo do grupo cultural, símbolos femininos ou masculinos, incesto, o movimento das águas ou a piroga anaconda que transporta a humanidade. Quem poderia imaginar que uma simples linha, considerada em nossa cultura umas das mais simples formas geométricas, pode conter tantos significados, (...).

Além disso, não se deve esquecer a fragilidade relativa de cada tinta utilizada pelo pintor pré-histórico. Os pigmentos vermelhos fixam-se melhor nas paredes que os mais pastosos, como os amarelos e os brancos, e, desta forma de manchas e podem estar sub-representados. É possível, ainda, que tenham sido feitas pinturas com pigmentos vegetais e desapareceram totalmente com o passar do tempo. Além do mais, uma série de alterações óticas, que incluem desde efeitos naturais relacionados com a incidência da luz ou mesmo decorrentes da sobreposição de grafismos, moldam a percepção atual da arte rupestre. (GASPAR, 2002, P. 12-13-14)

Quando se iniciou os estudos sobre a arte rupestre brasileira, estes foram feitos a partir do imaginário que se tinha sobre os indígenas, ou seja, o imaginário da época era de um índio preguiçoso, então se tinha em mente que essas pinturas resultavam do ócio dos indígenas, e eram simples rabiscos, desenhos que não tinham nenhuma importância. Por outro lado estes “desenhos” aparentavam ter um significado complexo, então se chegou à hipótese de que não tinham sido feitos pelos indígenas, e sim por civilizações mais avançadas, sendo assim a “arte rupestre brasileira foi atribuída a gregos, fenícios ou atlântidas: afinal, as tribos existentes no Brasil, à época do descobrimento, jamais poderiam ter elaborado desenhos com tamanha precisão e simetria...” (GASPAR, 2002, P. 35-36)

A arte rupestre brasileira está dividida em regiões rupestres, ou tradições. Para fazer a delimitação, dessas ditas “tradições” arqueológicas foi necessário,

(...) incluir uma certa variabilidade intra-regional – que pode estar relacionada a evoluções culturais no tempo e no espaço, ou mesmo a funções distintas de determinados espaços. Destaca, ainda, que, ao estabelecerem tradições regionais, as diferentes manifestações podem se misturar ou se sobrepor, particularmente em áreas de fronteira. (GASPAR, 2002, P. 45)

Segundo Prous (1992) existem oito tradições: Tradição Meridional; Tradição Litorânea Catarinense; Tradição Geométrica; Tradição Planalto; Tradição Agreste; Tradição São Francisco; Tradição Nordeste; Tradição Amazônica.

Para um melhor entendimento vamos fazer uma pequena abordagem dessas tradições:

Tradição meridional: esta tradição ocorre no sul do Brasil e em países da fronteira. “É caracterizada por figuras geométricas lineares não-figurativas, incluindo um tema (‘tridáctilo’). (PROUS, 1991, P. 511)

Talvez o fato de não haver nessa região muitas grutas ou abrigos, a maiorias das sinalações se encontram em blocos isolados. As gravuras são feitas no arenito, por incisão ou polimento. Porém na maioria das vezes foram previamente preparadas para o picoteamento. É uma temática considerada pobre, sendo possível dividi-la em dois grupos:

Um dos estilos caracteriza-se pela presença de traços retos paralelos ou cruzados, sendo alguns curvos. A combinação de traços retos às vezes forma o que se acostudou chamar de ‘tridáctilos’. O outro estilo caracteriza-se pela presença de séries de círculos maiores, cada um rodeado na parte superior por círculos menores, parecendo formar pegadas de felídios. (GASPAR, 2002, P.46-47)

Tradição Litorânea Catarinense: estes estão situados exclusivamente em ilhas de difícil acesso. Essas gravações foram feitas no granito, com técnicas de polimentos e sulcos.

“Esta tradição, muito bem circunscrita, não pode ser comparada com nenhum outro conjunto rupestre conhecido atualmente; trata-se certamente de uma criação local”. (PROUS, 1991, P. 513)

Tradição Geométrica: como o próprio nome diz se caracteriza pelas figuras geométricas. Por ser muito variada e ter uma área de distribuição grande foi subdividida em meridional e setentrional.

A meridional:

Os sítios dessa manifestação apresentam gravações, que em sua maioria foram retocadas por pinturas, estas estão longe de enchentes e até mesmo longe dos lugares com água. Nessa manifestação o tema principal é o “tridáctilo” o triângulo, porém, ocorrem também pegadas que as fazes formam rastros, estes podem ser de aves, veados ou/e de humanos.

A setentrional:

Diferente da manifestação meridional, nessa manifestação as gravuras são feitas perto dos rios, principalmente perto de cachoeiras e costumam ficar encobertas durante as enchentes. Nessa manifestação as gravuras são polidas, é predomina as depressões esféricas, que os arqueólogos chamam de “cupuliformes”, em algumas o tema que aparece em segundo lugar, com relação a predominância, é o “tridáctilo”. Em outras acontecem também representações biomorfas que lembram sáurios ou homens.

Tradição Planalto: esta tradição “está presente em muitos sítios do Planalto Central brasileiro, do Paraná até a Bahia, sendo seu foco principal o centro de Minas Gerais” (GASPAR, 2003, P. 49). Nesses sítios os grafismos são pintados, o vermelho é a cor predominante, porém há também grafismos na cor preta, amarela e às vezes, branca.

As figuras mais destacadas são sempre os zoomorfos monocromáticos, cuja frequência pode ser muito alta, sendo raramente inferior a dos sinais geométricos; aparecem antropomorfos, também monocromáticos, em pequena quantidade, a não ser quando muito esquematizados; neste caso, formam conjuntos de pequenas figuras filiformes, que parecem cercar os zoomorfos. Entre os animais, os quadrúpedes são os mais representados, particularmente os cervídeos (...)

Em certas regiões, os outros animais frequentes são os peixes e/ou pássaros. Raramente são encontradas figuracões de tatus, antas, porcos-do-mato e tamanduás. É notável a ausência de animais como emas ou cobras característicos de outras tradições figurativas. (PROUS, 1991, P. 519)

Tradição Nordeste: esta tradição pode ser vista no Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, parte da Bahia e do Ceará, e também podem ser encontrados sinais dela em Minas Gerais. As pinturas nela encontradas são monocromáticas, há representações de zoomorfos e antropomorfos, e em pouca quantidade os sinais geométricos. O que a diferencia da tradição Planalto é a

Abundância de antropomorfos, agrupados e formando animadas cenas explícitas de caça, dança, guerra, copulações e rituais, etc. Entre os zoomorfos dominam as emas, os cervídeos e os pequenos quadrúpedes. As figuras seguram armas (bastão e propulsores), cestas, etc. existem o que chamamos ‘trocadilhos gráficos’, ou seja, série de figuras que mostram a transformação de um tema (por exemplo, o sapo) em outro (sinal geométrico, por exemplo). (PROUS, 1991, P. 523)

Tradição Agreste: o que marca essa tradição é a presença de grandes figuras geométricas e biomorfas. Nessa tradição é raro presenciar cenas e se estas acontecem são compostas de apenas dois personagens.

Existem vários tipos de sinais, acompanhados por zoomorfos e antropomorfos. Estes últimos costumam ser de tamanho grande e 'de desenho propositadamente grotesco, lembrando um espantalho'. Os animais como emas e quelônios, são muito estáticos havendo também, 'pássaros de asas abertas e longas pernas alguns com tendência ao antropomorfismo'.

Vários estilos foram isolados na tradição Agreste como o chamado 'Cariris Velho' (PE) caracterizado por marcas de mão em positivo na parte superior dos painéis.

O estilo 'geométrico elaborado' com carimbos e grandes figuras geométricas, geralmente isolados 'lembrando tecido pintado ou bordado' (...). (PROUS, 1991, P. 523-525)

Tradição São Francisco: característica do vale do rio São Francisco, Minas Gerais, Sergipe, Bahia, Mato Grosso e Goiás. Nessa tradição os grafismos geométricos aparecem em maior quantidade, existem figuras de antropomorfos e zoomorfos, mas em quantidade significativamente menor. Os poucos zoomorfos são em sua maioria peixes, pássaros, cobras, sáurios e às vezes tartarugas. Não existe nenhum tipo de cena nesse tipo de tradição.

Tradição Amazônica: o que marca essa tradição são as "representações simétricas e bastante geometrizadas". É importante salientar que uma tradição pouco estudada, com relação às outras. Em alguns lugares as figuras são radiadas, já em outros são pintadas, acontecem também se serem compostas por bastões e gravações curvilineares.

Como o próprio André Prous (1991) disse essa explanação das artes rupestres, está longe de ser satisfatória, porém, traz informações importantes sobre as mesmas, fazendo com que a conhecemos e comecemos talvez a distingui-las.

Por não existir um estudo mais detalhado sobre as pinturas rupestres do Sítio Arqueológico Casa de Pedra não se sabe ao certo que tradição elas pertencem. Sabe-se apenas que as pinturas rupestres encontradas no Sítio Arqueológico Casa de Pedra são com formas geométricas e marcas de mão. Pinturas rupestres parecidos com essas podem ser encontradas também nos municípios de Apodi e Carnaúba do Dantas, no Estado do Rio Grande do Norte, onde foi constatada a Tradição Nordeste e a Tradição Agreste. (GASPAR, 2003, p. 50-51).

Após esse conciso estudo sobre pinturas rupestres, podemos discernir sobre o principal tema deste artigo.

4- SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASA DE PEDRA – SÃO JOSÉ DO CAMPESTRE/RN

O Sítio Arqueológico chamado Casa de Pedra, localiza-se na comunidade rural de Picos, que fica a 12 km da sede do município de São José do Campestre. Pela estrada que leva ao açude Japi, é uma estrada de barro, onde passa-se por casas de taipas e plantações de milho e feijão. Por traz dessas casas ainda é possível ver fornalhas de barro para fazer carvão. O Sítio Arqueológico Casa de Pedra fica no serrote em frente à capelinha de Nossa Senhora Aparecida. (PREÁ, 2005, p. 78). Porém o atual Secretário do Turismo afirma, “o ponto de referência é a Escola Municipal João Melo de Oliveira. A partir daí, é preciso uma caminhada de cinco km passando por três propriedades, ultrapassando três cercas e subindo o serrote, cerca de 317 metros de altitude”. A paisagem é tomada por facheiros que chegam a medir 15 metros, há também umburanas e barrigudas, e no alto, entre as fundas da pedra, moram muitos mocós.



FOTO 01: Pinturas rupestres do Sítio Arqueológico Casa de Pedra
FONTE: Secretaria de Turismo.

O sítio fica situado a 35° NE, tem cerca de 5 metros de altura e 5 metros de largura, é um abrigo na rocha com pinturas rupestres em vermelho, ainda nítidas e constituídas de duas seções: a primeira com pinturas geométricas, formadas por um bloco de rocha menor na entrada, no caminho de acesso ao local; e uma segunda seção de um bloco de rocha maior, bastante desgastado pela erosão, mas, sem nenhum vestígio de atividade gráfica pré-histórica. Nos pequenos blocos expostos que formam o piso, demonstra-se a possibilidade de trabalhos estratigráficos. O sedimento presente nesta área não demonstrou sinais e intervenção humana ou perturbações de origem natural. (Secretaria Municipal do Turismo, 2011).

O Sítio Arqueológico Casa de Pedra, foi encontrado, pelo ex-vereador, formado em História pela UEPB e atual Secretário do Turismo William Moura da Costa. Na época William era estudante de História, e já havia escutado sobre pedras que continham pinturas rupestres em Campestre, mas não sabia onde se situavam. No ano de 1997, auxiliado pelo agricultor José Luiz Nelo, mais conhecido como Lula, que em entrevista para a Revista de Cultura Preá disse: “subi o serrote pela primeira vez aos doze anos. Desde os meus avós que escuto falar das pinturas”. William chega ao local e fica sabendo que já haviam encontrado um utensílio primitivo nas proximidades, é um pilão feito de pedra, encontrado por outro agricultor José Rutemberg Pereira. (PREÁ, 2005, p. 78).



FOTO 02: “Pilão de Pedra” encontrado no Sítio Arqueológico Casa de Pedra
FONTE: Secretaria de Turismo.

Segundo o Secretário de Turismo Willian Moura, que foi quem “encontrou”, ou como ele diz: “descobriu”, o Sítio Arqueológico, após sua solicitação ao Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN/ RN, uma equipe do laboratório de arqueologia da UFRN, liderada pelo Professor e Pesquisador de Arqueologia da UFRN, Roberto Airom Silva, esteve no sítio, fez fotos e medições das pinturas. Segundo o secretário Willian Moura, estudos das pinturas rupestres datam de 4.000 anos. E devido à descoberta do pilão, ou como os moradores da região dizem: “panela de pedra”, com sua forma polida, define a transição do período paleolítico (idade da pedra lascada) para o neolítico (idade da pedra polida).

Nos dias atuais, o Sítio Arqueológico Casa de Pedra, passa pela fase inicial de descoberta e pesquisa. Por causa disso, o estímulo por visitas da população campestre é primordial, sendo que a maioria da população ainda não tomou conhecimento da existência de um Sítio Arqueológico na região. E se perguntados alguns não sabem do que se trata, pois não tem um conhecimento prévio sobre o que é um Sítio Arqueológico, ou o que são pinturas rupestres. Muito menos que estes podem ser vistos no município.

Sendo assim, o sítio recebe apenas, poucos visitantes oriundos de municípios circunvizinhos. Essas visitas fazem parte de um compromisso estabelecido pelo município para fins de divulgação e consciência da preservação com provas contundentes da presença do homem pré-histórico. (JUNIOR, 2010, p. 51).

Voltando ao tema do Sítio Arqueológico Casa de Pedra, para o Secretário do Turismo, William Moura, “agora teremos a condição que faltava para divulgar este patrimônio histórico”, pois o Sítio Arqueológico é um patrimônio histórico e cultural do município, que nunca atentou para as possibilidades de existir na região, um achado dessas proporções e importância.

Segundo o próprio Secretário de Turismo “muita gente da cidade ainda não ouviu falar nem da existência deste Sítio Arqueológico”, porém essa situação irá mudar, pois, o mesmo está organizando uma caminhada para levar os jovens para conhecer e divulgar o sítio, mas principalmente levando uma conscientização pela preservação deste. O secretário explica que visita o local um vez por ano e apesar

do difícil acesso, vale a pena o esforço, pois pode-se deslumbrar da vegetação e da linda visão panorâmica da região.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, é preciso lembrar-se de tudo já visto no decorrer deste trabalho, os embasamentos em arqueologia e nas pinturas rupestres, que facilitaram o entendimento sobre o Sítio Arqueológico Cada de Pedra. É perceptível, depois de tanto discernir sobre o tema, que o Sítio Arqueológico Casa de Pedra, está numa fase inicial de pesquisa e divulgação, e na qualidade de patrimônio histórico e cultural, é de grande importância para o município de São José do Campestre, por isto deve ser cuidado, preservado e estudado, para se descobrir mais sobre a passagem do homem pré-histórico por aquelas terras. Esperamos que ainda muito se estude e se divulgue sobre o mesmo, pois além de conter uma parte da história da cidade de São José do Campestre, é um lugar extremamente lindo.

REFERÊNCIAS:

- **ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro, 2004.**
- **ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.**
- **AZEVEDO, Carlos Alberto. Arqueologia: estudos & pesquisas/ Carlos Alberto Azevedo. – João Pessoa: Ideia, 2008.**
- **FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003.**
- **FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. Pré-História do Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.**
- **GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil/ Madu Gaspar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.**
- **JUNIOR, Gilmar Amador Rocha. O turismo como perspectiva de desenvolvimento para cidade de São José do Campestre-RN. 82 pág. Monografia de graduação em Geografia. UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira. 2010.**
- **LUZ, Luiz Ricardo da. Ufologia na pré-história. ALIEN. Revista da pesquisas Ufológicas, São Paulo, n. 1, p. 24, 2005.**
- **OLIVEIRA, Thomas Bruno (org.)... (et all.). Pré-história: estudos para a arqueologia da Paraíba. – João Pessoa: JRC Editora, 2007.**
- **PREÁ, REVISTA DE CULTURA. São José do Campestre: A Borborema Potiguar. Natal, nº 14, setembro/ outubro de 2005.**

- **PROUS, André. Arqueologia Brasileira/ André Prous. – Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.**
- **_____ . O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país/ André Prous; ilustração Adriano Carvalho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.**
- **SANTOS, Juvandi de Souza. Manual do Arqueólogo/ Juvandi de Souza Santos. Campina Grande: EDUFPG/Cópias&Papéis, 2010. 120p.**
- **SETUR – Secretaria do Turismo de São José do Campestre/ Rio Grande do Norte. Disponível em: < www.seturcampestre.blogpost.com>. Acesso em: 23/05/11.**
- **TARGINO, Itapuan Botto. Patrimônio histórico da Paraíba – 2000/ 2002/ Itapuan Botto Targino. – João Pessoa: Ideia, 2003.**

SITES:

- **BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve História da Arqueologia no Brasil, 1999-2000 In: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/30093/31978>. Acesso em 14 de junho de 2014**
- **BUENO, Lucas de Melo Reis e MACHADO, Juliana Salles, 2003 In: <http://comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>. Acesso em 20 de junho de 2014**
- **CISNEIROS, Daniela. Práticas funerárias no nordeste do Brasil: uma apresentação metodológica, 2006. In: www.ufpe.br/cliuarq/images/documentos/2006-V1N20/2006v1n20dt1.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014**

- **IPHAN, 2014.** In: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12944&retorno=paginalphan>)
- **CANTO, Antonio.** In: <http://www.brasilecola.com/geografia/historico-arqueologia.htm>. Acesso em 20 de Junho de 2014
- **DELFORGE, Alexandre Henrique.** Recursos de sistemas de informações geográficas (SIG) aplicados ao gerenciamento do patrimônio arqueológico de Minas Gerais. In: http://www.abrampa.org.br/eventos_anteriores/congresso_regiao_sudeste/doc/Alexandre%20Henrique%20Delforge.pdf. Acesso em 18 de Junho de 2014
- **BEBER, Marcus Vinicius.** Pinturas de índios no Brasil central: Alto SUCURIU, SERRANÓPOLIS e CAIAPÔNIA. In: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=19469>. Acesso em 18 de Junho de 2014
- **GONDIM, Caline Galvão.** Pinturas rupestres: a representação da imaginação do homem primitivo. In: http://www.insite.pro.br/2012/Abril/pinturas_rupestres_homem.pdf. Acesso em 15 de junho de 2014
- **VOGT, Carlos.** Arqueologias, 2003. In: <http://comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq01.shtml>. Acesso em 20 de junho de 2014
- **Revista Cultura e Cidadania.** Artigos: Pinturas Rupestres, 2012. In: <http://revistaculturacidania.blogspot.com.br/2012/11/artigos-pinturas-rupestres.html>. Acesso em 17 de junho de 2014

- http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/3_Acoes_Mineropar/5_Geoconservacao_e_Geoturismo/paineis/Pinturas_Rupestres.pdf. Acesso em 15 de Junho de 2014
- <http://arqueologiadigital.com/profiles/blogs/tradi-es-rupestres>. Acesso em 17 de Junho de 2014
- http://www.girafamania.com.br/americano/materia_brasil-arterupestre.html. Acesso em 15 de Junho de 2014
- <http://www.espacoacademico.com.br/041/41cjustamand.htm>. Acesso em 15 de Junho de 2014
- http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-&script=sci_arttext. Acesso em 15 de Junho de 2014

ANEXOS



FOTO 02: “Pilão de Pedra” encontrado no Sítio Arqueológico Casa de Pedra
FONTE: Secretaria de Turismo.



FOTO 03: Vista do Sítio Arqueológico Casa de Pedra
FONTE: Secretaria de Turismo

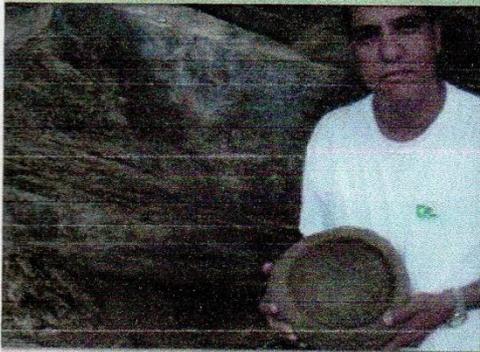


SÃO JOSÉ DE CAMPESTRE
A Borborema potiguar

76 PRE *Setor 2005*

Foto 04: Revista Cultural Preá número 14

Fonte: <http://www.youblisher.com/p/180336-Revista-Prea-n-14/>



William Costa quer preservar memória local com museu



As inscrições rupestres do sítio Picos

As pinturas rupestres com formas geométricas e marcas de mãos, encontradas em grande quantidade nos municípios de Apodi e Carnaúba dos Dantas, também podem ser observadas em São José de Campestre. A Casa de Pedra do sítio Picos, a 9 km do município, pela estrada que leva ao açude Japi, esconde pequenos indícios da passagem do homem pré-histórico por aquelas terras.

A estrada de barro até o sítio Picos passa por casas de taipa e plantações de milho e feijão. Por trás de algumas das casas de taipa, ainda se vêem fornalhas de barro para fazer carvão. A Casa de Pedra fica no serrote em frente à capelinha de Nossa Senhora Aparecida. Os agricultores da região foram os primeiros a tomar conhecimento das pinturas.

José Luís Nelo, o Lula, 38 anos, criado no sítio Picos, subiu o serrote pela primeira vez aos 12 anos. "Desde os meus avós que escuto falar nas pinturas". Outro agricultor, José Rubenberg Pereira, encontrou um pilão feito de pedra nas proximidades do serrote. As pinturas localizadas na área foram registradas no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pelo vereador William Moura da Costa, 30 anos, formado em história pela UEPB.

O historiador tinha informações de que existiam pedras com pinturas rupestres em Campestre, mas não sabia o local exato. Em 1998, orientado pelo agricultor Lula, chegou até o local das inscrições e tomou conhecimento de que já havia sido encontrado um utensílio primitivo nas proximidades. "A preservação é boa por conta do difícil acesso".

Para chegar até a chamada Casa de Pedra é preciso caminhar 3 km entre a vegetação seca e fechada do sítio Picos. A paisagem árida é tomada por facheiros que chegam a medir 15 metros. Algumas poucas imburanas e barrigudas com suas flores brancas ainda podem ser vistas. Já no alto, as fendas nas pedras servem de morada para muitos mocós. Segundo William, nunca uma equipe de reportagem havia visitado o local.

O professor Roberto Airon Silva, pesquisador de arqueologia da UFRN, esteve no sítio Picos em 2000. Fez fotos e medições das pinturas. William Costa visita o local uma vez por ano. O vereador conseguiu aprovar um projeto de Lei que cria o museu municipal.